**Panorama epidemiológico da** **septicemia estreptocócica: a mortalidade em foco**

Rafaella Quirino Alcântara1\*; Thaís Cunha Aguiar Gomes1; Joaquim Ferreira Fernandes1; Júlia Fonseca Carneiro1; Paula Pacheco Katopodis1; Antonio Márcio Teodoro Cordeiro Silva2.

1Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas, Curso de Medicina – Goiânia – GO

2 Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas, Docente de Medicina – Goiânia – GO

\*Autor correspondente: rafaellaqa@hotmail.com

**INTRODUÇÃO:** Os estreptococos são bactérias gram-positivas, que provocam infecções não invasivas supurativas, como: faringite, pneumonia e endocardite, e não supurativas, como: febre reumática aguda e glomerulonefrite aguda. A septicemia estreptocócica ocorre quando a bactéria atinge a corrente sanguínea, por meio de procedimento invasivo ou ferida infeccionada, estando associada a taxas crescentes de morbimortalidade, em todo o mundo. **OBJETIVOS:** Analisar a taxa de óbitos por septicemia estreptocócica, em relação à região do Brasil, sexo e escolaridade. **METODOLOGIA**:Estudo epidemiológico descritivo, com dados coletados no Sistema de Informações sobre Mortalidade, na plataforma do DATASUS, do período de 1996 a 2018. Os dados eram referentes aos óbitos por septicemia estreptocócica, considerando a região do Brasil, o sexo e a escolaridade dos indivíduos. As estatísticas descritiva e inferencial foram realizadas com o auxílio do software BioEstat®. Para a estatística inferencial foi utilizado o teste de correlação linear de Pearson, com o nível de significância de 5%. **RESULTADOS:** No período analisado, houve 2.549 óbitos por septicemia estreptocócica, no Brasil. A região Nordeste foi a mais acometida, com 1.098 (43,1%) mortes, e a região Centro-Oeste, a menos acometida, com 73 (2,9%) óbitos. As regiões Sudeste, Norte e Sul apresentaram, respectivamente, às seguintes taxas de óbitos: 34,7% (*n=*885), 9,8% (*n=*249) e 9,6% (*n=*244). O estado de Minas Gerais (15,2%; *n=*388) e de São Paulo (14,4%; *n=*366), mesmo não pertencendo a região com maior número de casos, foram os estados com maior mortalidade, no Brasil. O sexo masculino superou o feminino em relação ao número de óbitos, com o registro de 1.311 (51,4%) casos. Em relação à escolaridade, observou-se que indivíduos que não tiveram contato com o estudo escolar foram os mais acometidos, com 29,8% (*n=*759) dos óbitos, e aqueles que tiveram mais de 12 anos, em instituições de ensino, foram os menos acometidos, com 1,7% (*n=*44) das mortes. O teste de correlação de Pearson, revelou forte correlação negativa (r=-0,8195; *p*=0,024), ou seja, conforme os anos de escolaridade aumentam, a taxa de mortalidade, por septicemia estreptocócica, diminui. **CONCLUSÃO:** É importante atentar-se ao fato de que o Nordeste, sendo a região brasileira com maior carência na área da saúde e na educação, é responsável pelo maior número de óbitos, por septicemia estreptocócica. Os dados supracitados ajudam, portanto, a elucidar a necessidade das ações em saúde focadas no diagnóstico e no tratamento precoce da septicemia, para melhorar o prognóstico da doença. Além disso, realça como a educação/escolaridade tem impacto positivo na saúde social.

**Palavras-chave:** Septicemia; Epidemiologia; Bactéria.

**REFERÊNCIAS:**

1. NELSON, G. E. et al. Epidemiology of Invasive Group A Streptococcal Infections in the United States, 2005–2012. **Clinical Infectious Diseases**, v. 63, n. 4, p. 478–486, 2018.
2. SANTOS, V. P. DOS. Estreptococcias. **Jornal de Pediatria**, v. 75, p. 103–114, 1999. Suplemento 1.
3. INFORMATIVO DE SAÚDE PÚBLICA DE MASSACHUSETTS.Infecção causada por estreptococos do grupo A. **Massachusetts Department of Public Health**, Boston, 2014.